

A influência dos homens invisíveis

do Financial Times

Uma piada meio cruel está circulando entre os que participam da reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) nesta semana em Berlim.

Enquanto os ministros das Finanças debatem os importantes tópicos das taxas de câmbio, da coordenação das políticas e da dívida, há dois homens invisíveis, diz a piada. Um deles é Kiichi Miyazawa, ministro das Finanças do Japão, que foi obrigado a permanecer em Tóquio devido à doença do imperador Hirohito. O outro homem invisível é Nicholas Brady, recém-nomeado secretário do Tesouro dos Estados Unidos, que está em Berlim.

E o invisível Miyazawa é quem está exercendo a maior influência, diz ainda a piada.

Sem dúvida, a piada é injusta. Brady está no cargo há menos de uma semana. Dificilmente se poderia esperar que ele traduzisse, em tão pouco tempo, toda a sua experiência como um financista de Wall Street no domínio do intrincado sistema monetário internacional.

O novo secretário, que espera manter o cargo se George Bush vencer as eleições presidenciais de novembro, preferiu mais ouvir do que falar.

Durante as conversações do Grupo dos Cinco (G-5) e do Grupo dos Sete (G-7) países industrializados,

Brady cedeu a maior parte do tempo ao "chairman" do Federal Reserve Board, Alan Greenspan.

Encoberto pela longa sombra de seu poderoso predecessor, James Baker, Brady preferiu analisar as opiniões dos outros do que proferir novas opiniões próprias.

"Brady confirmou que manterá o compromisso assumido por Baker em relação à coordenação de política econômica e disse que o corte do déficit orçamentário será uma prioridade para Bush. Mas não houve nada de novo", disse um ministro europeu das Finanças, depois de uma longa conversa com Brady.

Nigel Lawson, ministro das Finanças da Inglaterra, observou apenas que Brady é "uma rapaz excelente".

O discurso de Brady perante a reunião anual do FMI foi igualmente uma expressão de continuidade com as políticas seguidas por Baker.

Washington procurará desenvolver o processo de coordenação da política econômica lançado por seu predecessor por ocasião do Acordo Plaza e da reunião econômica de cúpula mundial em Tóquio, em 1986, como "uma abordagem pragmática para fortalecer o sistema monetário internacional".

Por enquanto, pelo menos, o governo norte-americano continua decidido a preservar o Plano Baker para a solução dos problemas do Terceiro Mundo.

Brady disse que considera com ceticismo as várias iniciativas que vieram à tona nas reuniões desta semana.

Enquanto isso, as negociações concretas com outros países tanto dentro do G-7 como fora dele foram deixadas a cargo de David Mulford, subsecretário do Tesouro, que tem anos de experiência no campo internacional. Também Mulford deu a entender que gostaria de permanecer no cargo se Bush ganhar as eleições.

Mas se é injusto julgar Brady na base de uma única reunião, a piada transmite entretanto uma mensagem interessante. O Japão, que há já algum tempo vem mostrando sua força na diplomacia econômica internacional, tirou todas as vantagens possíveis do vazio de poder deixado pela saída de Baker.

Satoshi Sumita, diretor do banco central japonês, que está substituindo Miyazawa, ganhou as manchetes ao apresentar duas novas iniciativas para o problema da dívida, uma das quais certamente irritará Washington.

A mensagem clara é a que, após as próximas eleições norte-americanas, o novo governo de Washington não poderá esperar estabelecer a agenda da política econômica internacional por sua própria conta. A maior nação credora do mundo pedirá que suas idéias sejam ouvidas. Se ainda estiver no cargo em janeiro, Brady terá muita coisa a aprender.